

DISCURSO DE RECEPÇÃO À ACADÊMICA LUCIENE CARVALHO, PELO ACADÊMICO E PRESIDENTE EDUARDO MAHON

*“A rigor,
provavelmente meu verso
não vai parar na academia
Meu verso é bolacha Maria”¹*

Quem diria que a poeta responsável por esses versos pertenceria à Academia Mato-Grossense de Letras? Nem ela mesma, como registrou no livro *Ladra de Flores*. Pois bem, nesta noite, celebramos o improvável da vida, coisas que se realizam somente a base de poesia. Essa mulher forte, sofrida, caída e levantada nos barrancos da vida, vencedora da morte, da sombra e de si, viveu um contínuo turbilhão, sentiu na pele desejos, angústias, preconceitos, lembranças e esquecimentos, foi chamada de tudo: de bruxa, louca, perigosa, obscena, menos de medíocre. Estamos diante do talento genuíno e espontâneo, do verso cru, da entrega apaixonada, da criação sem cabrestos, cujo nome é Luciene Carvalho, natural dos quintais de Conceição e de Gonçalves, com RG e CPF lavrados por rezadeiras, reconhecida pelo povo do Rio-Acima e do Rio-Abaixo. De Corumbá, traz consigo a beleza de um Mato Grosso unido que sempre se reencontra no Excelentíssimo Senhor São Gonçalo do Porto. Para a posse, ela veio cheirando a caju, com grinalda de chita, depositar o buquê de bons-dias e boas-noites aos pés de São Benedito que rege essa festa de autêntica cuiabania.

Ninguém a acuse de indiferença, porque ela vive em estado febril de paixão. Se não for com o peito aberto, com as veias rasgadas e olhos injetados, não será a Luciene Carvalho que amamos. Imoderada, resiste à banalidade que julga normalizante, onde a vida é cronometrada em medidas antipoéticas. Sua inquietude está retratada no poema *Irrita-me*, do livro *Insânia*: *“irrita-me/ o estar sem paixão/sem musa ou sem muso// irrita-me/ a adrenalina sem uso,/ o peito sem faca,/ o olhar sem abuso// irrita-me/ a ausência de ilusão/ tato sem engodo,/ a plena lucidez// irrita-me a voz desalucinada,/ o tempo de agenda,/ riso sem segredo,/ mãos sem nervosismo// irrita-me/ a fala sem cinismo,/telefone mudo,/ ar sem sobressalto,/ banho bem na hora certa// irrita-me/ esta porta aberta/ presa na garganta/ que mora na pele// irrita-me/ a tonta/ que não se sacia/ que procura a fome/ do que desafia”²*. A fome do que não sacia, desafio constante pela expressão inovadora, a transgressão pessoal e a prática da confiança são marcas notáveis no trabalho da nova acadêmica.

Esse desapego às formas conservadoras está retratado não só no viés poético de Luciene Carvalho, como no delicioso coloquialismo da prosa, que não pode ser esquecido ou diminuído. Estamos lidando com uma escritora que domina vários estilos. No livro *Conta-Gotas*, descobrimos a singularidade da autora, ao retratar em microcontos o cotidiano cuiabano, dando ênfase ao minimalismo gestual sem, no entanto, inclinar-se em caricaturas tradicionais. A escritora foge do lugar-comum do regionalismo de semióticas conhecidas e fotografa com extrema competência a contemporaneidade da vida urbana da capital mato-grossense. Do seu quintal no bairro do Porto, ela quer mostrar uma Cuiabá cosmopolita, plugada ao cenário nacional e internacional, como, aliás, sempre foi: uma cidade-*voyeur*.

Merece reprodução integral o genial conto Vale Transporte: *“As lentes dos olhos Jackie O. refletem o cumprimento ‘oi!!!’ e só então seu dia começava de verdade. A calça branca de lycra agarrava com vontade o quadril farto que se demorava na ferragem da roleta, enquanto mãos cegas fingiam procurar o vale-transporte nos escaninhos mais que conhecidos da bolsa curta de camelô. Aquele breve interlúdio matinal vinha dando alma nova à manhã dela; já não se preparava apenas para limpar os corredores intermináveis do Hospital Geral,*

1 Trecho da poesia *Água de mina*, do livro *Ladra de Flores*, 2012, ed. Carlini e Caniato.

2 Poesia *Irrita-me*, originalmente publicado no livro *Caderno de Caligrafia* (2003), reproduzida em *Insânia*, 2009, ed. Entrelinhas.

já não se exasperava com clorofórmios e desinfetantes, já não se incomodava com o escarro do pai que se levantava para continuar o porre interrompido na noite anterior; já não lhe pesava a chegada dos 45 anos. Não! Acordava para ele, se vestia e maquiava para ele; o cobrador da linha 508. Tinha que ser pontual para pegar o ônibus certo e poder realizar aquela cena matinal: unhas pintadas com esmalte vermelho escondiam o contato com os corrosivos e descansavam por um minuto sobre a caixa de dinheiro. O cabelo alisado com chapinha no fim-de-semana exigia que ela se inclinasse em direção à bolsa para mostrar seu balanço, a língua umedecia o lábio roxo de cuiabana antiga e: ‘Oi!!!’³

Contemporânea sim, realista nunca! A romântica Luciene Carvalho assume a feminilidade e faz da poesia o divã certo para confissões da mulher que pretende o arrebatamento amoroso. Vejamos o Manifesto da poeta, no livro *Sumo da Lascívia*: “Então tá,/que sou poeta, escritora,/ madura e resolvida,/ tá bom.// tá bom que a mítica/ do nosso tempo/ traz uma nova estética/ de comportamento/ que permite à mulher.../ balela!/ na boa, tá.../ aquela coisa de olhar/ e seduzir,/ não acabou./ Quero sentir o fascínio/ e o desejo,/ observando seus sentidos/ passeando pela minha pele./ quero ver tombar/ a minha entrega,/ ante o brilho do encantamento/ dos seus olhos/ buscando meus movimentos.// quero a poeira da dúvida/levantada/ frente à possibilidade/ de não ser a sua amada// não abro mão de nada,/ nem do verbo,/ nem do toque/ que provoque a condição/ de apaixonada”⁴.

Essa afirmação da condição feminina está reforçada pela lida com dois valores ambíguos que circundam a mulher: o profano e o sagrado. Esse binômio antropológico é trabalhado com o coloquialismo típico da poeta que diz a que veio, sem meias palavras. Na poesia *Tantas*, Luciene Carvalho expõe-se múltipla no livro *Aquelarre*: “*ah! como que alegria/ me descubro Maria/ como tantas mais// e partilho com todas/ a tolice de gostar de flores/ e olhar pra lua/ em busca de sinais// sou Maria cheia de crendices/ manias e fê// no meu dia-a-dia tacanho/ encontro portais/ quando falo às plantas,/ arrumo a casa,/ alimento os animais// Sou Maria/ de menos salário/ em igual função.// sou Maria/ múltipla jornada/ puta, mãe, salada/ outra, esposa e pão*”⁵. E prossegue nos feitiços poéticos, em *Magia de Primavera*: “*num copinho/ coloque um pouco de vinho/ pingue canela em pó// só que tem que estar só,/ completamente sozinho/ à procura de carinho/ para a magia funcionar// na hora do sol raiar/ lua cheia. terça. libra/ o amor do mundo vibra/ vire o copo. beba e diga./ eu quero me apaixonar*”⁶.

Há mais. Quero apresentar não só a mulher, a escritora, a poeta, mas o incrível ser humano, capaz de mergulhar no recanto mais profundo do próprio ser, lugares de medo, terror e admiração, onde a maioria de nós não ousa se permitir. Do que estou falando? “*Tô falando de loucura/ Tô falando de viver/ Aura clara, sorte escura/ Descobrir o que se é, e ser*”⁷. Quem escreveria tão abertamente: “(...) às vezes penso que cada ser humano é um manicômio individual com um louco dentro”⁸? É preciso refletir, a essa altura, o preço do comodismo sensato, óbolo que nunca Luciene Carvalho esteve disposta a pagar. Seguiu sua luta contra moinhos de vento, cantando: “às vezes eu falo com a vida/ às vezes é ela quem diz/ qual a paz que eu não quero conservar/ pra tentar ser feliz?”⁹.

Ao investigar a obra literária da nova acadêmica, posso garantir: não conservou nenhuma paz ao buscar felicidade. Diz a própria autora, em entrevista sobre o livro que marcaria a vida – “*Insânia é delação da minha história pessoal, feita pela escritora que há em mim*”. De fato, nossa nova imortal correu pela rua escura, dobrou a esquina de si e perdeu-se muitas vezes no emaranhado de sinais, toques, insights, limiar entre a patológica lucidez e a loucura genial. Dessa luta entre o normal e o avesso, nossa colega exhibe cicatrizes ou, como ela mesma classifica, *Queloides*: “*percorri minha pele/em certa madrugada/ buscando a marca,/ cicatriz do havido...//Descobri que o corte/ mais profundo/ se manterá p'ro mundo escondido*”¹⁰.

3 Conto Vale Transporte, do livro *Conta-Gotas*, 2007, Instituto Usina.

4 Poesia Manifesto, do livro *Sumo da Lascívia*, 2007, Instituto Usina.

5 Poesia *Tantas*, do livro *Aquelarre ou Livro de Madalena*, 2007, Instituto Usina.

6 Poesia *Magia de Primavera*, do livro *Aquelarre ou Livro de Madalena*, 2007, Instituto Usina.

7 *Gentil Loucura* – Álbum *Skank*, 1993

8 4ª Carta para a Dra. Renée, do livro *Insânia*, 2009, Entrelinhas.

9 Música *Minha Alma (A paz que eu não quero)* – Grupo Rappa, 2001, Álbum *Instinto Coletivo*.

10 Poesia *Queloides*, do livro *Ladra de Flores*, 2012, ed. Carlini & Caniato.

É possível que Luciene, ao não transigir consigo mesma sobre convenções que disciplinam, aparências que normalizam, padrões que conformam, tenha se encontrado em cômodos inacessíveis da alma. Lá do fundo, no frio, no escuro, explode a poesia como lenitivo para si e para o mundo: “*chama a polícia p’ra mim/ porque mudei de ideia/ chama!/ chama a polícia/ e manda me prender/ porque não pude conter/ o ímpeto/ a fúria vã do meu destino.// disque o cento e noventa/ diz que é emergência,/ diz que é incêndio,/ surto.// eu autorizo,/ empresto o celular se for preciso.// chama o corpo de bombeiros!/ avise a quem me achar que me contenha,/ que sede/ por medida preventiva/ que urge algo que possa me parar.// chama a polícia!/ pois fugi p’ra minha vida,/ pois usei querer mudar/ rumo e caminho./ abra a gaiola/ e recolha o passarinho*”¹¹.

Os tormentos da genialidade, os impulsos da produção criativa, energias que nenhum de nós controla, solidariza os grandes. Tanto que Paulo Leminski definiu-se assim: “*dois loucos no bairro/ um passa os dias/ chutando postes para ver se acendem/ o outro, as noites/ apagando palavras/ contra um papel em branco/ todo bairro tem um louco/ que o bairro trata bem/ só falta mais um pouco/ pra eu ser tratado também*”.

Imaginem os Senhores e Senhoras refletir sobre a própria lucidez numa província onde tudo é público, examinado palmo a palmo sob uma lupa tão indiscreta quanto cruel. É preciso ter muita personalidade para não sucumbir à marginalidade que se quer impingir em rótulos sociais: “*Não dá pé/ Não tem pé, nem cabeça/ Não tem ninguém que mereça/ Não tem coração que esqueça/ Não tem jeito mesmo/ Não tem dó no peito/ Não tem nem talvez ter feito/ O que você me fez desapareça/ Cresça e desapareça.../ Não tem dó no peito/ Não tem jeito/ Não tem ninguém que mereça/ Não tem coração que esqueça/ Não tem pé, não tem cabeça/ Não dá pé, não é direito/ Não foi nada/ Eu não fiz nada disso/ E você fez/ Um Bicho de Sete Cabeças...*”¹². Qual será a sensação de não ser entendido?; de não ser adequado? Somente uma intelectual da estatura de Luciene Carvalho seria capaz de responder às provocações com uma poesia como *Loucuz*: “*corri da loucura/fugi da loucura/ e hora sua hospedeira/ ela minha companheira/ das amigas a primeira/ veio, fica, é bem-vinda/ minha loucura é linda/ minha loucura é luz*”¹³.

Aqui está Luciene com suas luzes, suas trevas, suas genialidades e seus desatinos. Anunciamos o dia de uma nova Academia. E será nova sempre, porque sempre se renova. Com a poeta cuiabana, encerramos um grande ciclo que contemplou dez intelectuais inclinados fundamentalmente para a literatura, eleitos e empossados nesses dois anos. Uma composição corajosa, vanguardista, que não tem medo da crítica, que não tem medo do risco. Podemos ainda ir além para somar à bancada acadêmica não só os “mestres” – responsáveis pelo aperfeiçoamento da linguagem – como também abraçar os “inventores”, experimentadores de formas ainda desconhecidas da linguagem, de acordo com a classificação de Pound. Já tive oportunidade de dizer e vou aqui reafirmar – a Academia de Letras é a casa de todas as letras, inclusive as graficamente construídas, mesmo ao largo do código alfabético convencional. Deixo aqui um alerta: ainda há tempo para que a sociedade reconheça o mais vanguardista poeta brasileiro que nos deu a satisfação de produzir literatura em Mato Grosso: Wladimir Dias-Pino. Quero lembrar da canção de Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho: “*me dê as flores em vida/ o carinho e a mão amiga/ para aliviar meus ais/ depois que eu me chamar saudade/ não precisa de vaidade/ quero preces e nada mais*”¹⁴.

O ingresso da poeta negra, da bruxa das palavras, é emblemático. Veio a tempo. Estamos numa época em que importa o talento, a despeito de todas as classificações convencionais. Não há régua para medir os versos, nem tampouco para dar bolo ou fazer censura. A arte não tem finalidade que não seja a expressão para o próprio artista. A literatura não tem compromisso moral. Tantas vezes os artistas dão de ombros às críticas, entoando a balada: “*dizem que sou louco/ por pensar assim/ se eu sou muito louco/ por eu ser feliz/ mas louco é quem me diz/ que não é feliz/ não é feliz (...) sim, sou muito louco/ já não sou o único que encontrou a paz/ mas louco é quem me diz/ que não é feliz/ eu sou feliz*”¹⁵. Somos testemunhas da *deschateação* do mundo.

É preciso ser mais feliz e criticar menos, desapegar-se de miudezas, dessas quinquilharias tecnicistas que nos fazem cativos. No encerramento desse ciclo, fizemos o que era possível e, considerando algumas

11 Poesia Busca e Captura, do livro *Ladra de Flores*, 2012, ed. Carlini & Caniato.

12 Bicho de Sete Cabeças – *Geraldo Azevedo ao Vivo*, 1994.

13 Poesia Loucuz, do livro *Insânia*, 2009, ed. Entrelinhas.

14 *Quando Eu Me Chamar Saudade*, Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho, Série Documento, 2005.

15 *Balada do Louco* – Mutantes Ao Vivo - Barbican Theatre, Londres, 2006.

carrancas críticas, o que seria impossível. Aos céticos que desacreditavam numa mudança tão profunda, torciam o nariz para uma Academia de Letras mais aberta, popular, dessacralizada, respondemos com a poesia *Outros Tempos*, publicado no livro *Porto*, de Luciene Carvalho: *fui andando pelas ruelas/ tão aquelas/ do Porto de Cuiabá// têm história.../ crianças de hoje/ brincam com netos/ de vizinhos de outros tempos// o dono da padaria/ conhece Dona Maria/ sobrinha do seo João/ Jacira que lava a roupa/ em outros tempos foi louca/ de amor por Sebastião/ que hoje toca a padaria/ porque casou com Sofia/ a filha de um alemão./ E, aqui no bairro do Porto/ vizinho é de porta adentro/ é um bairro de outros tempos,/ tem outra arquitetura./ E o que se procura acha:/ é linha, anzol, borracha;/ macumba é na baianinha,/ chá de folha é no Suat¹⁶// hortaliça, arame, linha/ tem vidraceiro, engraxate/ café moído na feira/ cabelereira, sapato// o que tem de história triste/ muito serviço barato.// tem puta de qualidade/ tem putinha de tostão/ pano de prato/ cultura/ tem pedinte/ tem cafetão/ tem virgem/ tem traficante/ tem carretel, tem barbante/ suor trabalho, mistura// tem Cuiabá neste bairro/ que em Cuiabá não tem/ tem tanta história importante/ que Deus salve o Porto, amém¹⁷”.*

Senhoras e senhores, é comum perguntarmos às crianças o que querem ser no futuro. No caso de Luciene Carvalho, seria melhor perguntar o que desejaríamos nós, caso voltássemos à infância. Não importa que suje, que rasgue, que machuque. Importa viver. Viver e ser feliz. Mas... já está na hora de procurar abrigo para a poesia amadurecida da autora que tenho a honra de saudar. Sempre chega a hora das crianças dormirem, momento em que nascem os adultos. Não há mais Dona Conceição para ralar: sai do sereno, menina! Já para a casa, Luciene! Todavia, de alguma forma metafísica que só as mães alcançam, sabe ela que a filha chegou em casa, na Casa Barão de Melgaço, seu novo quintal, seu novo endereço. Seja muito bem-vinda, minha amiga. Venha assuntar conosco o zanzar do tempo das janelas desse bicentenário casarão. Minha gente, quem diria? Quem diria que Luciene viria? Loucos fomos nós por esperar tanto tempo para tê-la conosco. Não se sabe se, até que enfim, ela chegou aqui ou se, até aqui, chegamos nós, enfim...

Muito obrigado!

16 Provavelmente, a poeta refere-se a “Swat”, o famoso raizeiro Genesi Arruda de Carvalho.

17 Poesia *Outros Tempos*, do livro *Porto*, 2005, edição da autora.